

LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA



Jorge Juan (1713-1773)

Rafael Sebastián Alcaraz
Emilia María Tonda Monllor
(Coordinadores)

LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Rafael Sebastián Alcaraz

Emilia María Tonda Monllor (Eds.)

Publicaciones de la Universidad de Alicante
03690 San Vicente del Raspeig
publicaciones@ua.es
<http://publicaciones.ua.es>
Teléfono: 965 903 480

© los autores, 2016

© de la presente edición: Universidad de Alicante

ISBN: 978-84-16724-07-9

Diseño de cubiertas: CEE Limencop S.L.
Maquetación: CEE Limencop S.L.

UNIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS ESPAÑOLAS
www.une.es

Esta editorial es miembro de la UNE, lo que garantiza la difusión y comercialización nacional y internacional de sus publicaciones.

Reservados todos los derechos. Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.

ILUSTRAÇÃO E CARTOGRAFIA NOS MANUAIS ESCOLARES DE GEOGRAFIA, DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO, EM PORTUGAL (SÉCULOS XIX e XX)

Mário Gonçalves Fernandes

Universidade do Porto, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território

mgferman@letras.up.pt

Resumo

Na presente comunicação descreve-se e analisa-se a cartografia inserida nos manuais portugueses de Geografia do ensino não superior, publicados nos séculos XIX a XXI, aprofundando-se conhecimentos sobre a formação e a atividade dos autores, técnicas utilizadas e as simbologias e as convenções aplicadas, a clarificação das principais fontes, debruçando-se entre cartografia original, cópias e variantes, a identificação das bases cartográficas que suportam a cartografia temática, delineando-se, enfim, a evolução das características dos documentos cartográficos utilizados como ilustração e/ou como elementos de apoio ao processo de ensino/aprendizagem da Geografia, em Portugal.

Palavras-chave

Manuais escolares; Cartografia; Ensino de Geografia.

A abordagem aos manuais escolares de Geografia aqui efetuada¹³⁸ baseia-se na análise da coleção existente no Departamento de Geografia da FLUP, que contabiliza mais de 160 volumes, abrangendo um período que recua até a primeira metade do século XIX.

Com os liceus, em 1836, surgiu o “primeiro programma escolar official em que se menciona o ensino geographico” (Deusdado, M.: 1896, p. 195), sendo o segundo referenciado a 1844 e a Costa Cabral, altura em que a 6ª rubrica do ensino liceal passou a incluir “História, Cronologia e Geografia, especialmente a comercial” (Carvalho, R.: 1986, p. 579). Além destes, entre os vários diplomas relacionados com a reforma do ensino secundário, publicados durante o século XIX, deve também sublinhar-se uma reforma de 1888, pela introdução do *estudo da localidade* e pela separação do ensino da Geografia do da História, “fazendo do ensino da geographia uma disciplina á parte” (Deusdado, M.: 1896, pp. 196 e 211).

Durante o século XIX, o ensino da Geografia utilizava o método socrático para a leção e intermináveis listagens descritivas como conteúdo, treinando, essencialmente, a memorização e a criatividade mnemónica de docentes e alunos.

¹³⁸ Versão, encurtada e adequada, de dois textos publicados, em 2007 (*Manuais Escolares de Geografia, Séculos XX-XXI*, Catálogo. Porto, Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e 2008 (“Manuais Escolares de Geografia antes do ‘livro único’ (1826-1947)”, in *Manuais escolares da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, Porto, Universidade do Porto e Câmara Municipal do Porto, pp. 80-86).

Reproduzia-se a ciência ensinada, que desde o século XVI era “sobretudo descritiva e enumerativa” (Daveau, S. e Ribeiro, O.: 1986, p. 1042), bastando, então, um globo e algum mapa parietal ou desenhado “na pedra”.

Assim, se adicionarmos a este contexto disciplinar a inexistência de mercado e os elevados custos de publicação, compreende-se que só tardiamente os manuais escolares comecem a conter imagens e cartografia. De facto, muitos manuais não contêm qualquer imagem ou apresentam apenas raras ilustrações dos “sistemas do universo”, dos elementos da esfera terrestre e/ou da rosa-dos-ventos, como bem exemplificam as edições de 1861 e 1867 das *Noções elementares de geographia, mathematica, physico-geologica, politica e atmospha-meteorologica* (...), de Manuel Francisco de Medeiros Botelho (1827-1900) ou o *Compendio de geographia para uso dos lyceus* (1881), de Augusto Luso da Silva, com “gravuras em madeira”, em negativo e a preto e branco, todas representando a esfera terrestre, com seus paralelos e meridianos.

Na época, “o manual parece primeiro mais dirigido ao professor que decide as matérias a leccionar e transmitir” (Soares, L. e Garcia, J. C.: 1989, p. 152) ou, como sublinhou Amorim Girão, “no ensino, tal ramo de conhecimentos [a Geografia] constituía apenas pretexto para circunstanciados exercícios de mnemónica; e os respectivos compêndios, volumosos e de prosa compacta, sem um mapa, sem um gráfico, sem uma simples gravura, tornavam-se por vezes um verdadeiro pesadelo para o espírito.” (Girão, A.: 1960, p. 73).

Este panorama não se limitou aos manuais escolares oitocentistas, tendo-se prolongado até aos anos vinte de novecentos em relação à maioria dos manuais. De qualquer forma, entre uma ou outra exceção, assinala-se o caso de Manuel António Ferreira Deusdado que sendo um dos pioneiros na ilustração de manuais escolares, também contribuiu para a melhoria do ensino da Geografia em Portugal com a *Chorographia de Portugal, illustrada*. Embora não se trate de um manual escolar, nesta publicação são expressas preocupações com o “caracter pedagógico da obra (...) começando pelas noções intuitivas da cartographia e explicando tudo successivamente por figuras gravadas no texto” (Deusdado, M., 1893: Advertência, s/p.).

O que aqui aflorava sumariamente, explicaria detalhadamente, em 1896, na *Revista de Educação e Ensino*, da qual era diretor e onde publicou “A Reforma do Ensino Geographico”, onde criticava o ensino da Geografia em Portugal, sublinhando que “até ao dia de hoje, se póde dizer, a aquisição da geographia era considerada um mero exercício de memoria ou pouco mais. (...) que tal systema ainda hoje não está abandonado de todo, provam-no as reclamações exaradas nos relatórios officiaes dos inspectores escolares, as insistências dos methodologistas” (Deusdado, M., 1893: p. 205). Em contraponto, insistia na necessidade de ensinar a Geografia pelo método das *lições de cousas*, “que consiste sobretudo na explicação de cada cousa, e, quanto possível, na vista de cada cousa” (Deusdado, M., 1893: p. 206). Não podendo ser mais moderno e de vanguarda, o seu método pedagógico pressupunha o denominado *estudo pela vista*, implicando uma dupla exigência de observação: o *estudo da localidade* e a utilização da cartografia.

O *estudo da localidade* fora introduzido como um dos pontos do programa oficial de Geografia de 1888, sendo o papel da cartografia no ensino da Geografia inquestionável e sublinhado pelo próprio quando afirmava que “os mappas, globos, etc. são não somente representações, mas representações de carácter convencional, e até altamente abstracto; todavia esses objectos são instrumentos imprescindíveis do ensino

pela vista.” (Deusdado, M., 1893: p. 210), que “sem mappa não há ensino da geographia” (Deusdado, M., 1893: p. 213) ou ainda, em passagem elegante e erudita, que “a cartographia está para a sciencia geographica como a notação musical está para a musica” (Deusdado, M., 1893: pp. 207). A necessidade de iniciar o aluno na compreensão da cartografia com, e para, o estudo da localidade, levaria à elaboração e utilização de documentos cartográficos sequenciais, das escalas grandes para as mais pequenas: da planta da sala de aula para o mapa da região.

A ideia, que exemplificara na *Chorographia de Portugal*, ganharia adeptos e seria utilizada desde então, com o conseqüente aparecimento de exemplos publicados em manuais escolares de outros autores, como o atestam a “planta da aula, planta do liceu, planta da cidade e carta corographica” insertas no *Curso de geographia: classes I, II e III*, de José Nicolau Raposo Botelho (1907); a “planta da escola, planta dos arredores, mapa topográfico, carta a 1:12.500, mapa geográfico e globo” do *Compêndio de geografia: para 1ª, 2ª e 3ª classes dos liceus*, de Ildefonso Marques Mano (1915); ou a reprodução das figuras 4 e 5, de Ferreira Deusdado, no *Compêndio de geografia: I e II classes do Curso dos Liceus*, de Luís Schwabach (1922).

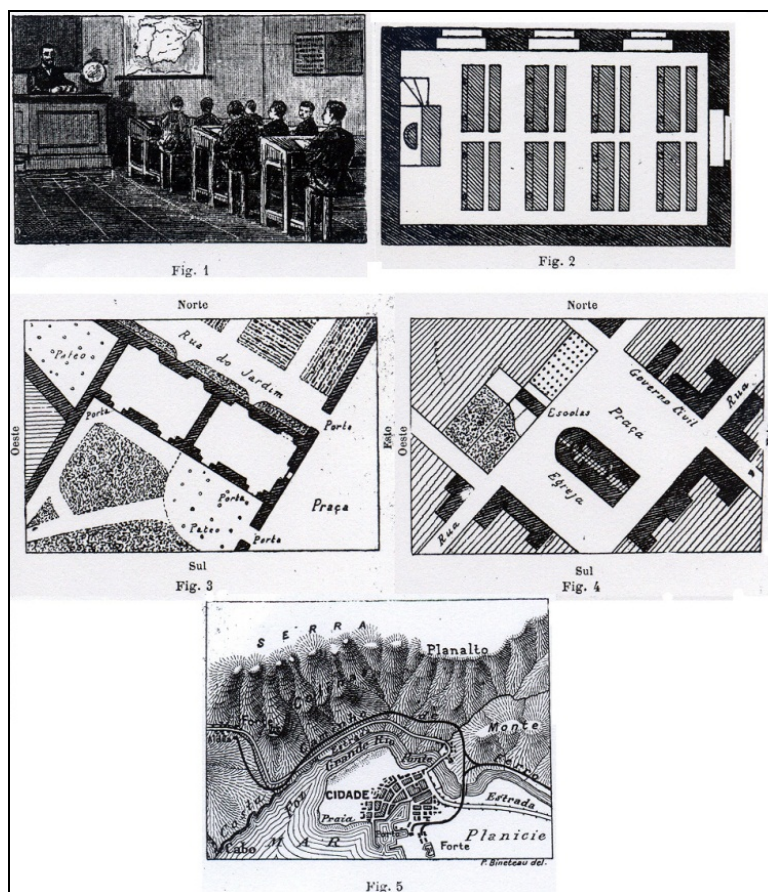


Figura 1. In Manuel António Ferreira Deusdado, 1893.

O anacronismo, gráfico e pedagógico, de muitos dos manuais escolares oitocentistas não se deve à ausência de credíveis fontes coevas, pois existiam várias e valiosas fontes cartográficas, entre as quais pontifica a Carta Geographica de Portugal, na escala 1:500.000, publicada em 1865 pelo Instituto Geographico, documento incontornável da história da cartografia portuguesa e muniador do aparecimento de

outros documentos cartográficos. De entre todos, relevem-se três que, apesar de poucas vezes e tardiamente, foram aproveitados em alguns manuais escolares de Geografia: as *Cartas Elementares de Portugal para uso das escolas*, de Bernardino de Barros Gomes (1878), a *Chorographia de Portugal, illustrada, 50 gravuras – 20 mapas a cores*, de Manuel António Ferreira Deusdado (1893) e o *Portugal au point de vue agricole*, coordenado por Cincinnato da Costa e D. Luiz de Castro (1900).

Durante a Primeira República, com diplomas de 1914 e de 1919, reforçou-se e ampliou-se a importância do ensino da Geografia, sendo neste contexto e a partir da abertura de um Concurso de Livros Escolares, a 6 de Maio de 1920, que surgiria um novo manual de Geografia “para uso dos liceus segundo o programa de 1919”: o *Compêndio de geografia elementar para o ensino oficial*, de Mário de Vasconcelos e Sá (1921). De facto, ao concurso apenas concorreram, inicialmente, dois outros autores, mas nenhum conseguiu aprovação, pelo que o concurso reabriria, para várias disciplinas, lembrando os critérios a que atenderá a “comissão encarregada da escolha dos livros” e determinando que “nas obras ilustradas deverá, pelo menos, um dos exemplares, ser acompanhado de vários espécimes das respectivas gravuras e indicação do seu número total” (DG, II Série, 19 de Maio de 1920, pp. 1915-1916), revelando-se, assim, a importância atribuída à ilustração, o maior trunfo do manual de Mário de Vasconcelos e Sá, que era já um manual verdadeiramente do século XX, talvez o primeiro, e que receberia aprovação no concurso (DG, II Série, de 2 de Agosto de 1921).

Mário de Vasconcelos e Sá publicou e reeditou, entre 1921 e 1943, mais de uma dezena de manuais escolares que podemos considerar os primeiros manuais escolares modernos de Geografia, apresentando uma profusão de imagens até aí nunca vista, atingindo a ordem das centenas: inúmeras fotos, tipo de imagem que embora utilizada em manuais anteriores, nunca o tinha sido em tal quantidade; gráficos de figuras, geométricas e pictóricas, proporcionais e de sectores; mapas gerais e mapas temáticos.

De entre a cartografia, por exemplo, notem-se vários mapas coropletos de Portugal continental, por distrito (“Carta da distribuição da emigração portuguesa” e “Carta densidade da população portuguesa”), onde as legendas (“máxima, médio e mínimo”) denotam que ao tratamento cartográfico subjazeram preocupações pedagógicas, sublinhando-se a mesma atenção nos mapas de animais e nos mapas de plantas. Acrescente-se uma “Carta das regiões vinícolas de Portugal”, inspirada na “Carte Vinicole de Portugal”, de Cincinnato da Costa (1900), bem como outros mapas temáticos: “Esboço da estrutura orográfica de Portugal”; “Carta das bacias hidrográficas portuguesas”, “Carta dos principais produtos minerais de Portugal” e “Distribuição da rede ferroviária portuguesa”. Todos, bem como os mapas sobre a distribuição de espécies florestais e da produção de cereais, por distrito ou sobre a base distrital, tornar-se-iam recorrentes, quer nas edições e reedições dos manuais de Mário de Vasconcelos e Sá, dos anos vinte, trinta e quarenta, quer noutros autores coevos. Os manuais de Mário de Vasconcelos e Sá dominariam o panorama dos manuais escolares de Geografia até à década de quarenta, tornando-se uma forma de livro único “avant la lettre”.

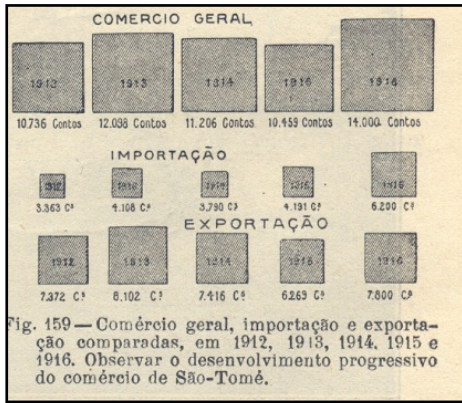


Fig. 159 — Comércio geral, importação e exportação comparadas, em 1912, 1913, 1914, 1915 e 1916. Observar o desenvolvimento progressivo do comércio de São-Tomé.



Fig. 158 — Características do comércio geral, importação e exportação, em 1916

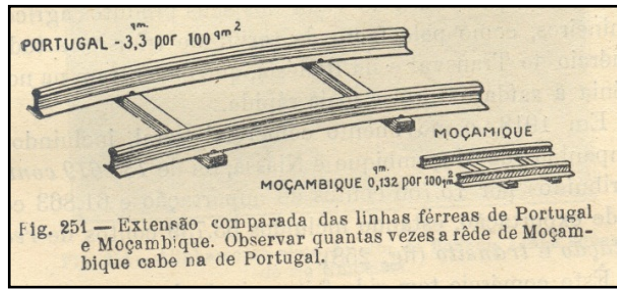


Fig. 251 — Extensão comparada das linhas férreas de Portugal e Moçambique. Observar quantas vezes a rede de Moçambique cabe na de Portugal.

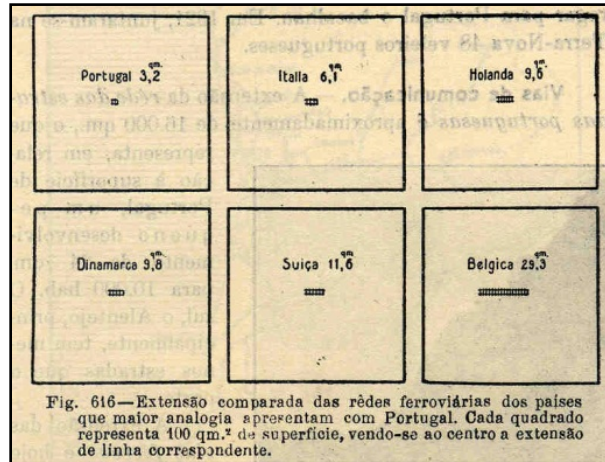


Fig. 616 — Extensão comparada das redes ferroviárias dos países que maior analogia apresentam com Portugal. Cada quadrado representa 100 km² de superfície, vindo-se ao centro a extensão de linha correspondente.

Figura 2. Exemplos de gráficos dos manuais de Mário de Vasconcelos e SÁ (1921).

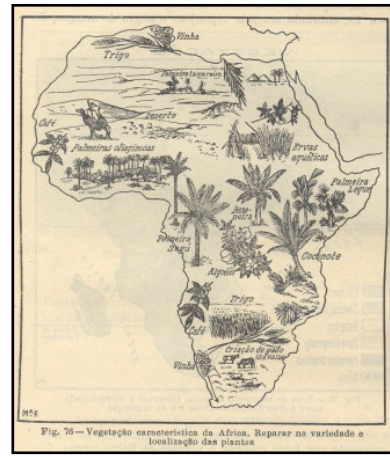
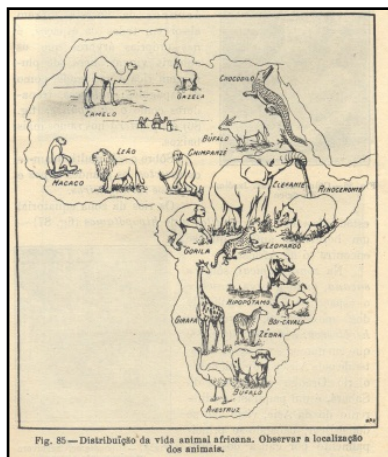
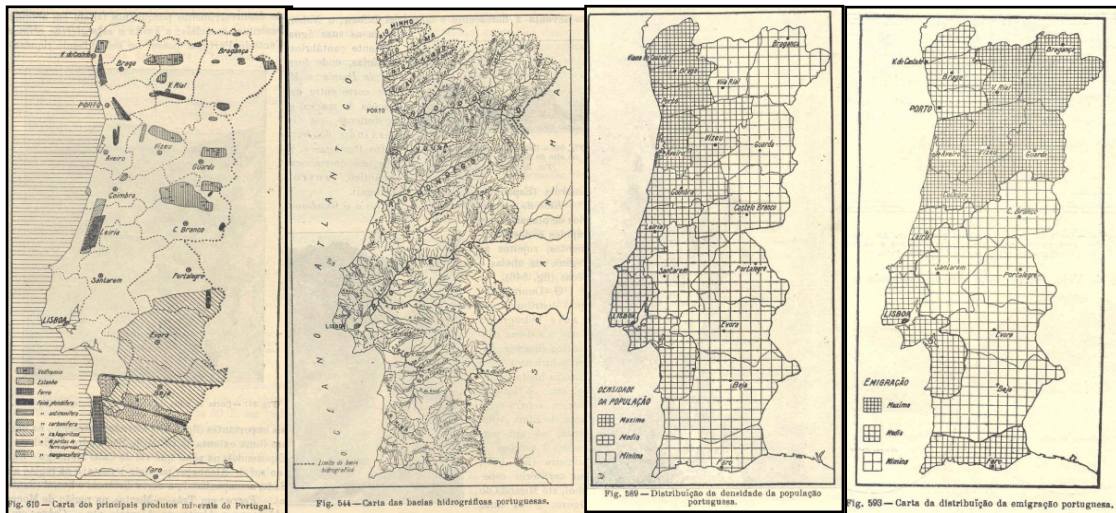


Figura 3. Exemplos de mapas dos manuais de Mário de Vasconcelos e SÁ (1921).

Entretanto, entrara-se numa fase de deriva e incerteza, com perda de importância do ensino da Geografia. Logo em 1926, a Ditadura retirou a Geografia das 4ª e 5ª classes dos liceus e pretendia, para os anos em que a manteve, manuais “pouco volumosos e de ilustração parcimoniosa, alertando-se para os custos associados” (Claudino, S.: 2005, p. 199). Depois, em reforma de 1930, a Geografia perderia a sua individualidade, sendo associada às Ciências da Natureza, nos dois primeiros anos do liceu, e, de novo, associada à História na 3ª, 4ª e 5ª classes (Claudino, S.: 2005). Surgem então, neste contexto, os manuais de conteúdos “híbridos”, normalmente contendo vários desenhos, esquemas e fotografias, mas quase sem mapas, denominados de Ciências Geográfico-Naturais e exemplificados na exposição pelos manuais de Augusto C. G. Soeiro e de Carlos C. A. Vilamariz (1936, 1940 e 1943) e pelo *Compêndio de ciências geográfico-naturais para o 1º ciclo do Curso Geral dos Liceus*, de Abel Loff [1940]. Para as classes mais avançadas dos liceus, aos manuais de Mário de Vasconcelos e Sá juntavam-se os de Albano Fernandes (1934) e de António G. Matoso (1933, 1935, 1939 e 1941), onde a fotografia é já utilizada em grande número, mas a cartografia se mantém parca, em número e qualidade.

Em 1947, com a publicação do *Estatuto do Ensino Liceal*, o ensino da Geografia veria o seu papel reforçado ao ser novamente separada da História no 3º, 4º e 5º ano, apesar da manutenção das Ciências Geográfico-Naturais nos primeiros anos do liceu. Com o *Estatuto*, foi também introduzido o sistema de *livro único* (para o ensino primário havia sido estabelecido em 1937), determinando-se que “para o ensino de cada disciplina nos diferentes anos de um ciclo será adoptado em todos os liceus o mesmo livro”, possuindo “validade por períodos de cinco anos”, com início no dia 1 de Outubro de 1949 (D.G., I Série, 17/09/1947, p. 917). Apesar de não ter sido fácil encontrar, entre os manuais publicados nos anos seguintes, algum que satisfizesse a Comissão Administrativa do Livro Único, tender-se-ia para nova fase no ensino escolar da Geografia, caracterizada por alguma estabilização de conteúdos e pelo aparecimento de nova geração de manuais e de autores, agora normalmente formados em Geografia e seguindo os dois mestres coevos: Amorim Girão e Orlando Ribeiro. Mais o primeiro do que o segundo e ambos a partir da utilização das suas principais obras de referência: o *Atlas de Portugal* e a *Geografia de Portugal*, ambas de Amorim Girão e editadas pela primeira vez em 1941; o *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, de Orlando Ribeiro e de 1945, que apenas gradualmente se foi impondo no discurso escolar.

De qualquer forma, apesar da publicação de vários manuais nos anos seguintes imediatos, não seria fácil encontrar algum que satisfizesse a Comissão Administrativa do Livro Único, que acabaria por decidir as aprovações de manuais de Geografia apenas em meados da década de 1950: em 1955, foi aprovado o manual de Júlio Leal Loureiro e Amílcar A. Patrício, para o segundo ciclo, enquanto em 1957, se aprovariam os manuais de J. F. Correia Monteiro, para o primeiro ciclo e de Eduardo M. Alves de Moura e Evaristo G. Vieira, para o terceiro ciclo (Claudino, C., 2005: pp. 201 e 203). De todos e quanto à cartografia inserta, lamenta-se a fragilidade do manual para o primeiro ciclo.

De facto, entre os manuais publicados a partir dos anos trinta, o manual de Joaquim F. Correia Monteiro (1957), como os de outros autores, talvez pela preocupação com a simplificação com fins pedagógicos, mas também por manifesto desconhecimento ou insensibilidade cartográfica, promoveram cartografia errónea, por vezes ingénua e, normalmente, ineficaz no âmbito pedagógico, quase inútil neste

contexto. Além dele, ilustram este caso, os exemplos de António G. Mattoso (1933), José M. Gomes [1940], Bento Roque [1946] e Armando Neves [1964].

A criatividade procurada nos mapas do manual de José M. Gomes [1940] e nos de António G. Mattoso (1933), não conduziu aos melhores resultados, enquanto a pobreza dos mapas de Bento Roque (1946) e dos de J. Correia Monteiro [1957] é singela e inexplicável, particularmente numa data em que a cartografia sobre Portugal Continental, nos manuais escolares, fora já enriquecida, a partir de 1941, com variados exemplares extraídos das primeiras edições do *Atlas de Portugal* e da *Geografia de Portugal*, de Amorim Girão.

De facto, contando a *Geografia de Portugal*, com “documentação gráfica abundante e sugestiva”, como referia o autor (Girão, A., 1941: p. 6), não tardou que imagens suas fossem incluídas em diversos manuais escolares, tornando-se a obra de Amorim Girão uma presença recorrente, mesmo se, com frequência, se lhe não fizesse qualquer menção, nem referência bibliográfica.

Entre os exemplos de manuais que utilizaram a obra de Amorim Girão sem a referenciar, está o de A. Estácio da Veiga (1957), que aproveitou, refazendo-os, quatro mapas/momentos das doze Fases de Desenvolvimento do Estado Português” explicitadas por Amorim Girão. Outro exemplo é o de Armando Neves, que em [1970] ajustou o gráfico dos navios proporcionais, depois de em [1964] ter adaptado a ilustração das tipologias de povoamento e adulterado o mapa sobre as Migrações Internas, revelando confrangedoras limitações na utilização das variáveis visuais, ao substituir a variável visual valor utilizada por Amorim Girão, pela variável orientação para ordenar percentagens concelhias. Sendo os mapas das obras de Amorim Girão genericamente corretos, no que se refere à expressão gráfica, e dada a divulgação nacional da obra, estranha-se que a utilização das variáveis visuais, nos manuais de Armando Neves, fosse tão errónea e ineficaz.

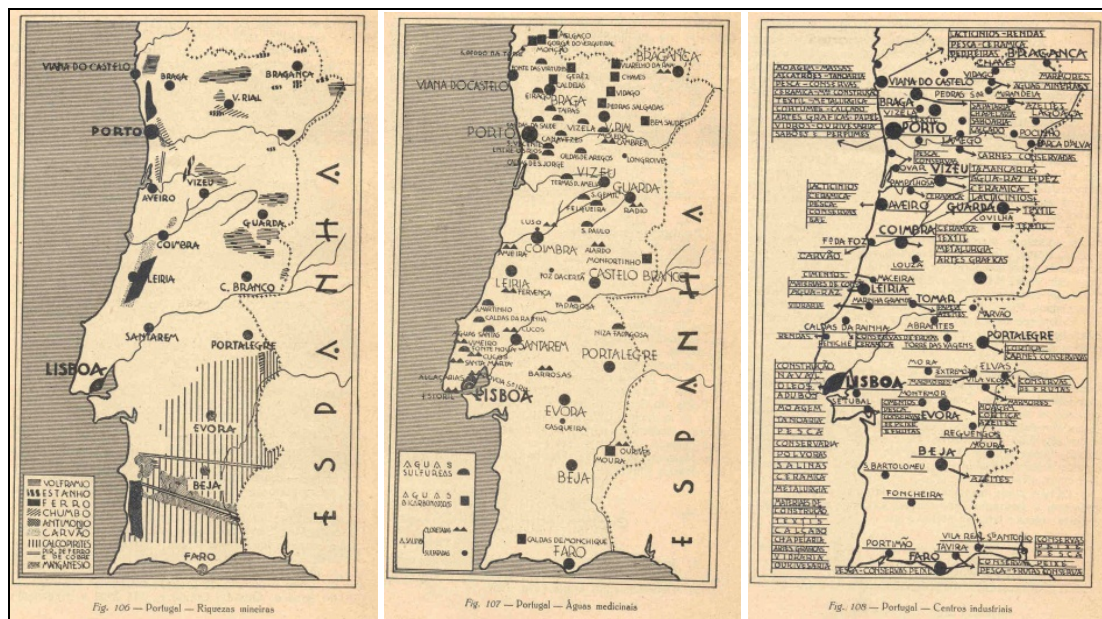


Figura 4. António G. Mattoso, 1933, pp. 328, 330 e 332.

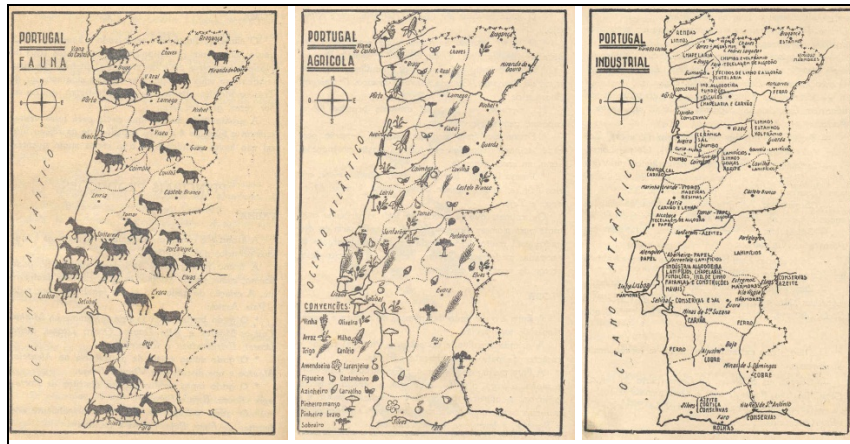


Figura 5. José M. Gomes, [1940], pp. 50, 52 e 56.

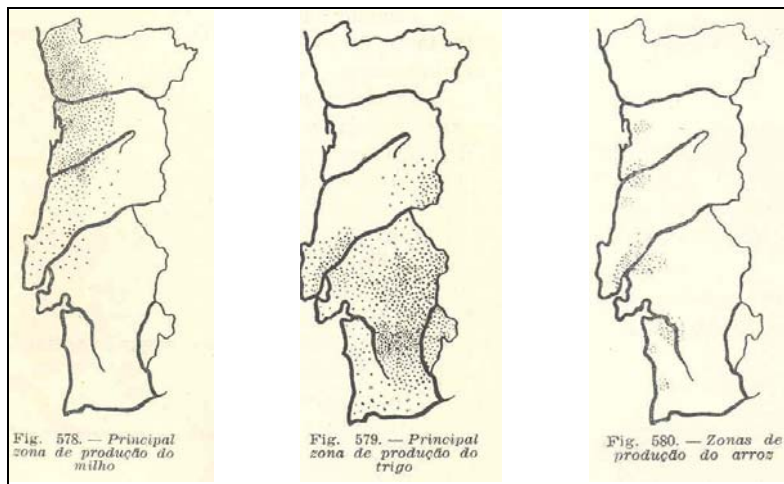


Figura 6. Joaquim F. Correia Monteiro, [1957], pp. 279 e 280.

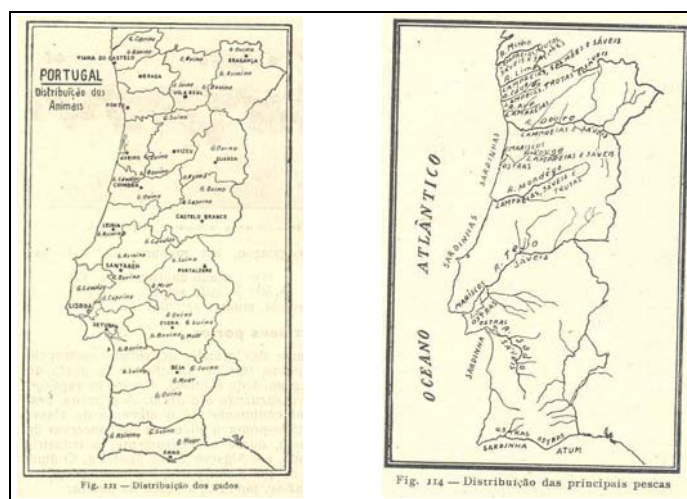


Figura 7. Bento Roque, 1946, pp. 176, 178 e 184.

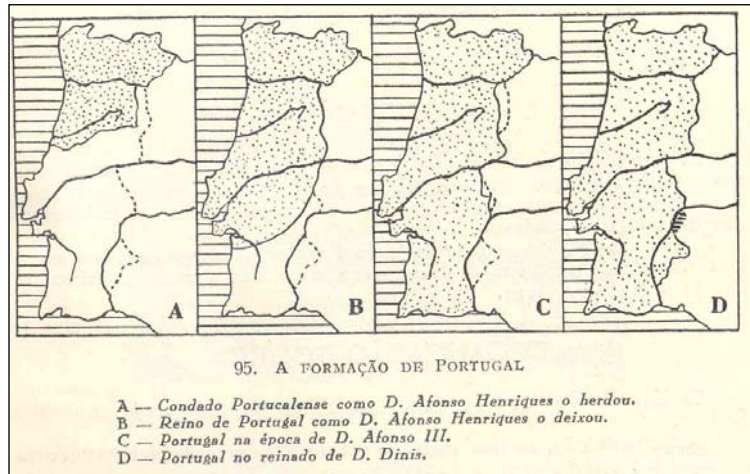


Figura 8. A. Estácio da Veiga, 1957, p. 93.

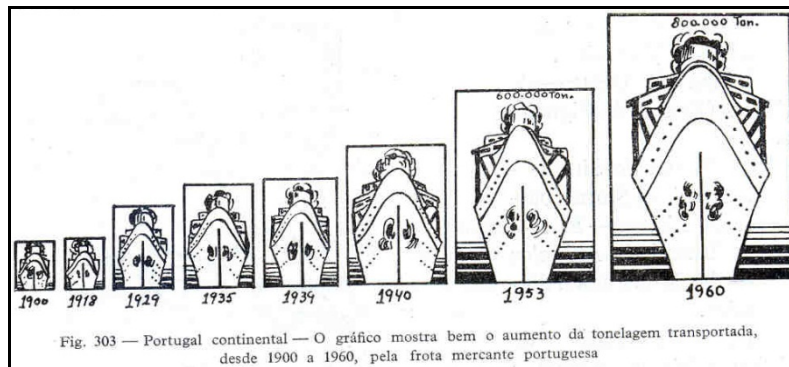


Figura 9. Armando Neves, 1970, p. 315.



Figura 10. Armando Neves, 1964, p. 98.

Entre os poucos autores que indicam alguma fonte encontram-se duas importantes referências entre os manuais das últimas décadas do Estado Novo: J. Leal de Loureiro e Amílcar A. Patrício, deles se contando na coleção da Flup com manuais de [1950], [1960] e [1966], e Eduardo M. Alves de MOURA, do qual, em autoria exclusiva ou em diversificadas colaborações, se contabilizam, sete manuais publicados entre 1945 e 1970. Os primeiros assinalam, em 1950 e em relação às “regiões naturais”, a utilização do “conceito e divisão apresentado pelo Prof. Amorim Girão na Geografia de Portugal (1941)” (J. Leal de Loureiro e Amílcar A. Patrício, [1950], p. 368 e [1960], p. 257); enquanto um dos manuais de Alves de Moura, o de [1957], elaborado em colaboração com Evaristo Vieira, é um dos dois que apresentam bibliografia, citando abundantemente Amorim Girão e Orlando Ribeiro, pontualmente Silva Telles e Pierre Birot, anotando, ainda, Ezequiel de Campos e Oliveira Boléo (com quem publicou, no mesmo ano, um *Compêndio de geografia para o curso geral do comércio*). O outro manual que apresenta bibliografia é a *Geografia comercial*, de José Vieira (1926), na qual se referem outros manuais escolares (de José Nicolau Raposo Botelho e Mário de Vasconcelos e Sá), bem como as obras de Karl Ritter, de Vidal de LaBlache, de Ezequiel de Campos e de Basílio Teles. Se acrescentarmos a menção a *Cosmos*, de Alexandre Humboldt, referido como “sábio geógrafo” em José N. Raposo Botelho (1906), bem como as referências a Bernardino Barros Gomes, explicitadas por Sílvio Pélico (1922: p. 442) e por Bento Roque [1946: p. 174], ficam esgotadas as referências bibliográficas.

Finalmente, releve-se a nova modernização, introduzida no manual de 1966 de Júlio L. Loureiro e A. A. Patrício, com o recurso abundante à utilização da cor, apesar da generalidade das imagens se manter inalterada. Todos os manuais já reforçavam a importância concedida à utilização de cartografia, mas seria necessário esperar mais uma década para assistir a nova inovação na imagem dos manuais escolares de Geografia, com a introdução da cor. Aliás, a cor já era utilizada desde a segunda metade do século XIX em publicações de apoio ao ensino, contudo, tratava-se sempre de casos pontuais, consubstanciados em algumas imagens fora de texto, pelo que a cor começaria a derramar-se pela totalidade dos manuais de Geografia apenas a partir da década de 1960, umas vezes utilizada como variável de separação, outras pela vontade de decoração e apelação. O esboroamento do sistema de livro único encetado pelas editoras ainda na década de sessenta, com o acordo tácito do poder político (Claudino, S.: 2005, p. 202), permitiria a concorrência, a liberdade de preços e um maior investimento no aspeto dos manuais, levando à introdução da cor.

Apesar da reposição da “liberdade de escolha dos compêndios pelos conselhos escolares” (Claudino, S.: 2005, p. 202), concretizada em 1968 para o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, ou da contestação ao livro único, nos primeiros anos da década de 1970 e admitida pelo próprio Ministério da Educação Nacional, o “novo ciclo” (Claudino, S.: 2005), aparentemente anunciado, demoraria a revelar melhorias significativas. De facto, tendo em conta os conhecimentos e as possibilidades técnicas do último quartel do século XX, é verdade que em 1979, a expressão gráfica dos manuais de Geografia continuava “escassa e pouco atraente, tal como nos velhos livros ‘únicos’, ou multiplica-se, com preocupações essencialmente estéticas, nos que se consideram mais atualizados” (Dias, M. H., 1979: p. 302).

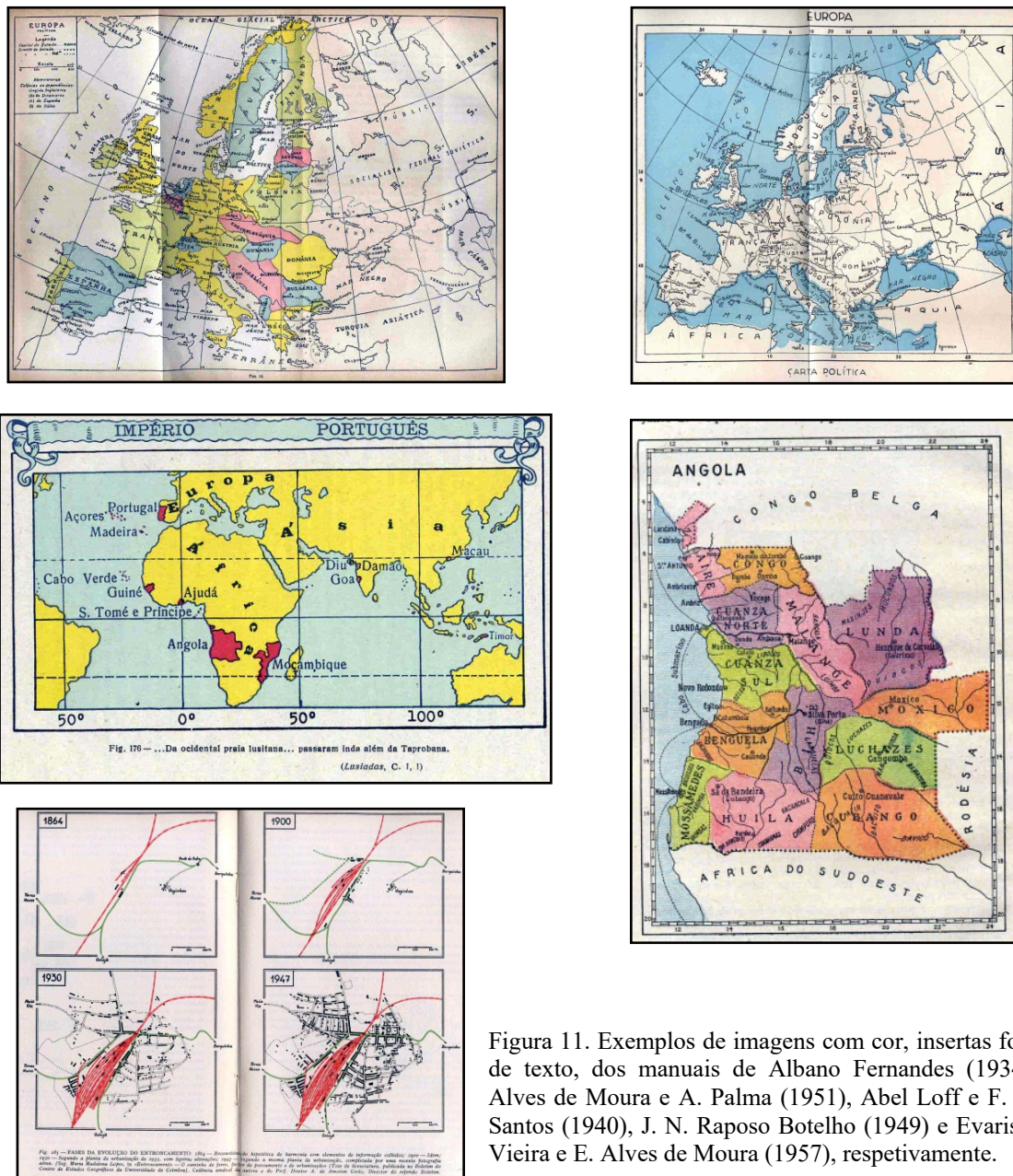


Figura 11. Exemplos de imagens com cor, insertas fora de texto, dos manuais de Albano Fernandes (1934), Alves de Moura e A. Palma (1951), Abel Loff e F. C. Santos (1940), J. N. Raposo Botelho (1949) e Evaristo Vieira e E. Alves de Moura (1957), respetivamente.

De qualquer forma, como vimos, algum caminho tinha sido percorrido, assinalando-se as décadas de 1920, 1950 e de 1960 como momentos de referência em relação à ilustração e à cartografia dos manuais, gradualmente mais abundante e atraente. A primeira pelo início da profusão de imagens e da cartografia temática; a segunda pela imposição, natural, da influência das obras de geógrafos consagrados, particularmente de Amorim Girão; a terceira pelo despertar do mercado e da cor. Lamente-se, enfim, a possibilidade de encontrar, ontem como hoje, “cartografia” errónea e anacrónica, por vezes mesmo indigente, o que a análise dos manuais antigos demonstra e a dos das últimas décadas confirma.

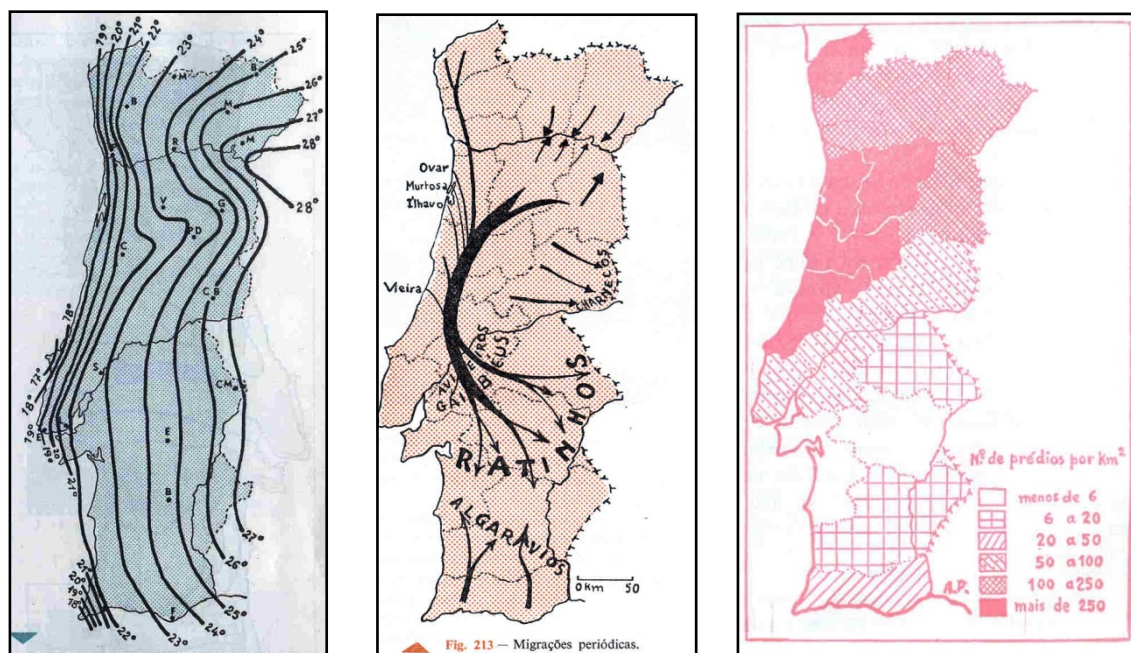


Figura 12. Exemplos de imagens de Júlio L. Loureiro e A. A. Patrício (1966), simplificadas e coloridas a partir de imagens da *Geografia de Portugal*, de Amorim Girão (1941).

1. MANUAIS ESCOLARES REFERIDOS

1861 - Botelho, Manuel Francisco de Medeiros, *Noções elementares de geographia, mathematica, physico-geologica, politica e atmospha-meteorologica accomodadas ao estado actual do mundo (...) estudo da geographia physica e politica*. Coimbra: Impr. Universidade.

1867 - Botelho, Manuel Francisco de Medeiros, *Noções elementares de geographia mathematica geologica, atmosphero-meteorologica, physica e politica accomodadas ao estado actual do mundo (...) estudo da geographia physica e politica*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2ª ed..

1891 - Botelho, José Nicolau Raposo, *Elementos de geographia economica (agricola, industrial e commercial)*. Porto: Magalhães & Moniz Editores, 3 vols.

1891 - Deusdado, Manuel António Ferreira, *Elementos de Geographia geral*. Lisboa: Guillard, Aillaud e Cª.

1906 - Botelho, José Nicolau Raposo - *Curso de geographia: classe VII*. Lisboa: Livraria Ferin.

1907 - Botelho, José Nicolau Raposo - *Curso de geographia: classes I, II e III*. Lisboa: Livraria Ferin.

1915 - Mano, Ildefonso Marques, *Compêndio de geografia: para 1ª, 2ª e 3ª classes dos liceus*. Porto: Magalhães & Mendes.

1921 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de geografia elementar para o ensino oficial*. Porto: Lelo & Irmão, I parte, 3ª classe.

1921 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de geografia elementar para o ensino oficial*. Porto: Lelo & Irmão, II parte, IV classe.

1921 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de geografia elementar para o ensino oficial*. Porto: Lelo & Irmão, III parte, V classe.

1922 - Pélico, Sílvio, *Curso elementar de geografia comercial*. Coimbra: Imprensa Académica, 2ª ed..

1922 - Schwalbach Lucci, Luís Filipe de Lencastre, *Compêndio de geografia: I e II classes do Curso dos Liceus*. Lisboa: Aillaud & Bertrand, 3ª ed. corr. e aum..

1924 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de geografia geral: 6ª e 7ª classe*. Porto: Livraria Chardron, de Lelo & Irmão.

1925 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Elementos de geografia: organizado para o ensino da 1ª e 2ª classe dos liceus*. Porto: Livraria Católica Portuense.

1926 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Elementos de geografia económica: para uso das escolas comerciais e industriais, de acordo com os programas de 1926*. Porto: Livraria Católica Portuense.

1926 - Vieira, José, *Geografia comercial*. Porto: Livraria da Escola Raul Dória, 3ª ed..

1927 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Elementos de Geografia: Organizados para o Ensino de 1ª classe dos Liceus, conforme os programas de 2 de Novembro de 1926*. Porto: Imprensa Portuguesa.

1927 e 1928 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de geografia elementar para o ensino oficial, 3ª classe, segundo os novos programas de 2 de Novembro de 1926*. Porto: Lelo & Irmão.

1931 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *A geografia nas ciências da natureza: para o ensino da 1ª e 2ª classes dos liceus*. Porto: Imprensa Portuguesa.

1933 - Mattoso, António G., *Compêndio de Geografia económica*. Lisboa: Livr. Sá da Costa Editora.

1934 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de geografia elementar*. III Classe, para uso dos Liceus, segundo os novos programas de 6-10-934. (Decreto 24.526), Porto: Livraria Lelo, Limitada - Editora.

1934 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de geografia elementar*. 4ª e 5ª Classes, para uso dos Liceus, segundo os novos programas de 6-10-934. (Decreto 24.526), Porto: Livraria Lelo, Limitada - Editora.

1934 - Fernandes, Albano, *Compêndio de Geografia: 3ª, 4ª e 5ª classe do Curso Geral dos Liceus*. Coimbra: Coimbra Ed., 2ª ed..

1935 - Matoso, António G., *Os continentes: compêndio de geografia para as III, IV e V classes dos liceus*. Lisboa: Livr. Sá da Costa Editora.

1935 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de geografia elementar: 4ª e 5ª classe: para uso dos liceus, segundo os novos programas de 28 de Maio de 1934*. Porto: Livraria Lelo.

1935 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de Geografia geral, Cosmografia e Cartografia: 6ª e 7ª classes*. Porto: Livraria Lelo.

1936 - Soeiro, Augusto C. G e Vilamariz, Carlos C. A., *Ciências geográficas-naturais: para a 2ª e 3ª classe dos liceus*. Porto: Marânus.

1939 - Mattoso, António G, *Compêndio de Geografia Geral*. Lisboa: Livr. Sá da Costa.

1939 - Mattoso, António G. e Boléo, Oliveira, *Ciências geográficas: 7º ano dos liceus*. Lisboa: Livr. Sá da Costa.

[1940, década] - Loff, Abel e Santos, Fernando Cavique, *Compêndio de ciências geográfico-naturais*. Lisboa: Livraria Popular.

1940 - Soeiro, Augusto C. G. e Vilamariz, Carlos C. A., *Ciências geográfico-naturais para os 2º e 3º anos dos liceus*. Porto: Domingos Barreira, 3ª ed..

[1940, posterior] - Gomes, José M., *Geografia para o ensino primário: resumo*. Lisboa: Livraria Popular.

1941 - Mattoso, António G, *Compêndio de Geografia Geral*. Lisboa: Livr. Sá da Costa.

1943 - Soeiro, Augusto C. G e Vilamariz, Carlos C. A., *Ciências geográfico-naturais: 1º, 2º e 3º anos dos liceus*. Porto: Ed. dos Autores, 4ª ed..

1943 - Sá, Mário de Vasconcelos e, *Compêndio de geografia elementar: para o uso das escolas de ensino técnico, industrial e comercial, segundo os programas de 1932*. Porto: Imprensa Portuguesa.

[1946] - Roque, Bento, *Geografia Económica. A Terra*. Lisboa: Gomes & Rodrigues, Vol. II, 2ª ed. (1ª edição 1944).

1949 - Botelho, José Nicolau Raposo, *Geografia geral: actualizada e adaptada ao ensino nos institutos de instrução secundária e escolas similares*. Porto: Lello & Irmão, 21ª ed..

[1950] - Loureiro, Júlio Leal e Patrício, Amílcar A., *Compêndio de geografia para o 2º ciclo dos liceus*. Porto: Porto Editora, [imp. 1950].

1951 - Moura, Eduardo Marinha Alves de e Palma, Américo, *Geografia geral*. Lisboa: Livraria Didáctica, 6ª ed..

1957 – Moura, Alves de e Vieira, Evaristo, *Compêndio de geografia, para o 3º ciclo dos Liceus*, Lisboa, Livraria Sá da Costa.

[1957] - Boléo, Oliveira, Moura, Eduardo Marinha Alves de e Palma, Américo, *Compêndio de geografia para o curso geral de comércio*. Coimbra: Porto Editora e Coimbra Editora Lda.

1957 - Veiga, Armando Estácio da, *Geografia*, Lisboa: Escola Lusitânia Feminina.

[1957] - Monteiro, J. Correia, *Ciências Geográfico Naturais: 1º ano*. Lisboa: Gomes & Rodrigues, 3ª ed..

[1960] - Loureiro, Júlio Leal de e Patrício, Amílcar A., *Compêndio de geografia: 2º ciclo dos liceus, vol. II, 4º-5º anos*. Porto: Porto Editora.

[1964] - Neves, Armando, *Geografia: para os cursos de aperfeiçoamento industrial*. Porto: Papelaria Avis, 3ª ed. [D.L. 1964].

[1966] - Loureiro, Júlio Leal de e Patrício, Amílcar A., *Compêndio de geografia: 4º-5º anos*. Porto: Porto Editora, [1966].

[1970] - Neves, Armando, *Compêndio de geografia*. Porto: Editora Avis, 3ª ed..

2. BIBLIOGRAFIA REFERIDA

Carvalho, R. de, 1986. *História do Ensino em Portugal, desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime Salazar-Caetano*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.

Claudino, S., 2005. “Os Compêndios Escolares de Geografia no Estado Novo: Mitos e Realidades”. Lisboa: CEG, *Finisterra*, XL, 79, pp. 195-208.

Costa, B. C. Cincinnato da e Castro, D. Luiz de (coords. 1900), *Portugal au point de vue agricole*. Lisboa: Lithographia da Imprensa Nacional.

Daveau, S. e Ribeiro, O., 1986. Conhecimento actual da história da geografia em Portugal. Lisboa: Academia das Ciências, pp. 1.040-1.061 (separata).

Deusdado, M. A. F., 1896. “A Reforma do Ensino Geographico”. Lisboa: Typographia Lucas, *Revista de Educação e Ensino*, Vol. XI, pp. 193-223.

Deusdado, M. A. F., 1893. *Chorographia de Portugal, illustrada, 50 gravuras – 20 mapas a cores*. Lisboa: Guillard, Aillaud e Cia Editores, 1ª edição.

Dias, M. H., 1979. “A Expressão Gráfica nos Manuais de Geografia do Ensino Secundário. A utilização das matrizes gráficas”. Lisboa: CEG, *Finisterra*, Vol. XIV, núm. 28, pp. 303-314.

Fernandes, M. G., 2007. *Manuais Escolares de Geografia, Séculos XIX-XXI, Catálogo*, Porto, Departamento de Geografia, FLUP, policopiado.

Fernandes, M. G., 2008. “Manuais Escolares de Geografia antes do ‘livro único’ (1826-1947)”. Costa, J. V. et al (Coord.), *Manuais escolares da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, Porto, Universidade do Porto e Câmara Municipal do Porto, pp. 80-86.

Girão, A. de A., 1941, 2ª edição 1958. *Atlas de Portugal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra (texto) e Lito-Coimbra (mapas). Publicação comemorativa do duplo centenário.

Girão, A. de A., 1941, 2ª edição 1951. *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora.

Girão, A. de A., 1960. “Novas concepções do ensino da Geografia”. Coimbra: *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano I, núm. 1, pp. 73-80.

Gomes, B. de B., 1878. *Cartas Elementares de Portugal para uso das escolas, Aprovadas para as escolas primárias pela Junta Consultiva de Instrução Publica, e duas d’ellas duas vezes premiadas na exposição de Philadelphia de 1876*. Lisboa, Lallemand Frères Typ. (1990: Edição fac-similada com estudo introdutório de Nicole Devy-Vareta et al).

Ribeiro, O., 1945. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora. (7ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1998).

Soares, L. e Garcia, J. C., 1988. "Manuais Portugueses de Geografia na segunda metade do século XIX", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: 107ª sér., 7-12, 1989, p. 147 - 155. Id.: in Acta, Ponencias y Comunicaciones. V Colóquio Ibérico de Geografia, León 1989, León, Universidad de León, 1991, pp. 41-49.